

UMA ANÁLISE PSICOSSOCIAL DA HISTÓRIA DE ANDREW CUNANAN: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

A PSYCHOSOCIAL ANALYSIS OF ANDREW CUNANAN'S STORY: AN EXPLORATORY STUDY

Gabriel Luiz de Jesus Ribeiro¹

Analice Aparecida dos Santos²

RESUMO: Em 1997, o estilista italiano Gianni Versace foi assassinado na porta de sua casa, em Miami Beach, Estados Unidos. O assassino, um norte-americano meio filipino de nome Andrew Cunanan que já fizera outras quatro vítimas antes de Versace. À medida em que a investigação dos crimes se desenrolava, novos entornos sobre a vida de Andrew vinham à tona, evidenciados pela mais fracassada cassada policial em solo dos EUA. Mas quem foi e o que queria Cunanan? Este estudo exploratório de natureza documental propõe uma discussão acerca dos aspectos psicossociais que influenciaram o comportamento homicida de Cunanan em 1997, a partir da obra literária Favores Vulgares de Maureen Orth e de documentos oficiais dos autos no FBI. Nota-se, portanto, que a instabilidade na relação de Andrew entre/com os seus pais, a expectativa de grandiosidade paterna em relação ao seu futuro, o convívio com grupos majoritariamente de classe média alta, a falta de limites pedagógicos na infância e o uso de metanfetamina foram influenciadores diretos para a manifestação da instabilidade psicológica apresentada por Andrew Cunanan nos últimos anos de sua vida, resultando no assassinato de cinco pessoas em 1997.

Palavras-chave: Andrew Cunanan, Gianni Versace, criminologia, psicologia

ABSTRACT: In 1997, Italian fashion designer Gianni Versace was murdered outside his home in Miami Beach, United States. The killer, a half-filipino american named Andrew Cunanan, who had already claimed four other victims before Versace. As the investigation of the crimes unfolded, new environments on Andrew's life came to light, evidenced by the most failed police impeachment on US soil. But who was him and what did Cunanan want? This exploratory study of a documentary nature proposes a discussion about the psychosocial aspects that influenced Cunanan's homicidal behavior in 1997, based on the literary work Vulgar Favours by Maureen Orth and official documents from the FBI file. It is noted, therefore, that the instability in Andrew's relationship between/with his parents, the expectation of paternal grandiosity in relation to his future, the coexistence with mostly upper-middle class groups, the lack of pedagogical limits in childhood and the methamphetamine use were direct influencers for the manifestation of psychological instability presented by Andrew Cunanan in the last years of his life, resulting in the murder of five people in 1997.

¹ Aluno do curso de Psicologia no Centro Universitário Atenas.

² Mestre em Psicologia. Docente do Centro Universitário Atenas.

Keywords: Andrew Cunanan, Gianni Versace, criminology, psychology

INTRODUÇÃO

Em 24 de abril de 1997, Miami Beach não seria mais a mesma. No início ensolarado da manhã daquele dia, o mundo acordou com a notícia estampada de que o estilista italiano Gianni Versace, fundador da grife que leva seu nome, acabara de ser baleado na porta de sua mansão *Casa Casuarina*. Fotos do corpo estirado no chão, revistas espalhadas e as escadarias ensanguentadas em um “banho de sangue” agora são compartilhadas e noticiadas por canais televisivos de todo o mundo (ABC, 2017[1997]).

Uma mãe que acabava de deixar seu filho em uma escola próxima à *Casa Casuarina* paralisou-se ao avistar um homem de cabelos pretos e óculos se aproximar de Gianni Versace e disparar uma arma de fogo três vezes contra o estilista (FBI, 1997). Atônita, a única testemunha ocular do caso jamais imaginaria que o que acabara de vivenciar seria parte da maior e mais fracassada caçada em solo na história dos Estados Unidos – e que Gianni Versace havia sido assassinato por um jovem norte-americano meio filipino de nome Andrew Cunanan (ORTH, 2018[1999]).

Ao avistar casos semelhantes ao do assassinato de Versace, as ciências comportamentais se abarcam na tentativa de compreender as motivações para o comportamento homicida em crimes e desvios de conduta que, à luz da interpretação limitada e generalista, não possuem explicação. Essa premissa também interessa outras áreas do conhecimento, gerando curiosidade não só por parte de pesquisadores da área, mas de profissionais correlatos à criminologia, saúde, antropologia e história (MANSON, 2020; PULLMAN et al., 2021).

A partir dessa curiosidade, muitas perguntas ainda permeiam a interpretação dos aspectos psicossociais influenciadores para a externalização desses comportamentos homicidas, como é o caso de Andrew Cunanan. Ao passo em que se tenta compreender o crime como brutal e apático, de outro há a necessidade de perfilamento dos sujeitos que desviam de suas condutas originais influenciados por objetivos ou motivações – ainda que psicossociais (DAVIS, 2009).

A proposta desta pesquisa se pauta, portanto, no levantamento e discussão das principais características psicossociais da vida e criação de Andrew Cunanan e sua relação com o comportamento homicida do jovem em 1997, levando ao assassinato de cinco pessoas nos Estados Unidos, incluindo o estilista Gianni Versace.

Essa investigação acaba por trazer, à luz da discussão psicossocial, aspectos importantes de serem considerados com o objetivo de identificar as disfunções associadas, por

exemplo, à matriz de identidade do sujeito (FERNANDES et al., 2021) que possibilitem intervenções de órgãos específicos e especializados para a contenção de comportamentos que causem lesão pública. Sejam essas intervenções feitas por meio de influências da própria psicologia ou através das ciências criminais, especialmente.

METODOLOGIA DO ESTUDO

Esta investigação se propõe a realizar um estudo exploratório de procedimento documental da vida de Andrew Phillip Cunanan, especialmente de seus quatro últimos anos. Para esta investigação será utilizada uma base bibliográfica de pesquisa a partir do livro *Favores Vulgares: a história do homem que matou Gianni Versace*, escrito pela jornalista Maureen Orth e publicado em 1999 em tradução para o português, além das 718 páginas dos autos do processo criminal de Andrew Cunanan disponível na biblioteca do FBI (*The Vault - Federal Bureau of Investigation*) consultados originalmente em língua inglesa e traduzidos livremente pelo autor.

Como abordagem para análise dos aspectos psicossociais, esta pesquisa partirá dos textos da psicologia histórico-cultural de Lev Vygotsky (1896-1934) abordando aspectos da infantilidade e a formação social da mente.

Como proposta metodológica de pesquisa, a história de Andrew será trabalhada em a partir dos principais acontecimentos em sua infância, as relações afetivas e a criação de vínculo na fase adulta, por fim, desvios de conduta social nos últimos anos de sua vida, sendo levantados aspectos psicossociais importantes de serem considerados.

Neste estudo exploratório, investiga-se o constructo da personalidade partindo da visão histórico-cultural e psicossocial da vida de Andrew Cunanan. Observa-se que essa delimitação não exclui, pragmaticamente, os materiais de interesse taxonômicos que apresentem critérios diagnósticos para comportamentos generalizados e comuns, presentes em uma determinada faixa de tempo. Essa não-exclusão terá como razão única a necessidade de confirmação de hipóteses a este estudo exploratório à medida em que se dispõe do fato de que as próprias teorias científicas consideram o constructo da personalidade influenciado pelo ambiente de origem ou o de transcurso das vivências.

No entanto, os mesmos materiais taxonômicos não serão utilizados com o intuito de mensurar, diagnosticar ou disponibilizar padrões comportamentais em relação ao caso investigado nesta produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O caso Andrew Cunanan

Andrew Philip Cunanan foi um jovem norte-americano de pai filipino e mãe italiana. Nasceu em 1969 em National City (Califórnia) em uma família de origem pobre. Seu pai, Modesto Cunanan, era um ex-fuzileiro naval que viu na Marinha a oportunidade de servir os Estados Unidos para sair da miséria ao mesmo tempo em que se dispunha da chance de retribuir os EUA pela atuação em defesa das Ilhas Filipinas na Segunda Guerra Mundial. Logo foi expulso da Marinha e acabou se aproximando do ramo financeiro, passando a trabalhar como corretor de ações até 1986, quando fugiu do país, acusado de falsidade ideológica e estelionato contra idosos aposentados (ORTH, 2018[1999]).

Sua mãe, MaryAnn Cunanan era italiana, filha de imigrantes da região da Sicília. Conheceu Modesto em uma lanchonete em que trabalhava como garçom quando ele ainda servia a Marinha. Viveu toda a sua vida em uma relação subserviente às vontades do marido. Após o nascimento de Andrew, em uma gravidez de extremo risco, MaryAnn ficou em estado emocional ainda mais vulnerável, necessitando de medicamentos antidepressivos e acompanhamento psiquiátrico durante toda a vida (ORTH, 2018[1999]).

Desde muito jovem, Andrew demonstrava habilidades únicas de comunicação, interação social e inteligência notáveis. Aos treze anos (1983), Andrew é aceito na Bishops School, condecorada escola de elite na cidade de Bonita (Califórnia), instituição que recebia filhos de diplomatas e de figuras importantes de todo o país. Ainda que Modesto Cunanan recebesse muito bem como corretor de ações (haja vista a quantidade de golpes estelionatários que cometera), o valor de mais de dois mil dólares mensais e custeios adicionais não eram nada fáceis de serem pagos à escola do filho (ORTH, 2018[1999]).

Esse ambiente de elite, agora frequentado, associado à realidade em que a família de Andrew vivia e como ele, em especial, era educado, forneceu ao menino um olhar ainda mais atento à riqueza, ao luxo e aos títulos. Nos registros de aplicação à Bishops School, Andrew chega a descrever-se como um amante de carros Mercedes e que sacrificaria qualquer coisa em nome da filosofia da instituição se assim fosse necessário caso a Bishops o aceitasse. Tudo isso aos doze anos de idade (FBI, 1997).

Em dezembro de 1982, quando aplica formalmente no processo seletivo da Bishops School, Andrew é classificado pelo Stanford-Binet (teste psicológico utilizado até hoje para mensuração de níveis de inteligência, lógica e proatividade) com um Q.I. de 147, percentil classificado como muito talentoso e altamente avançado (FBI, 1997). A entrada na Bishops deu

a Andrew a oportunidade de estar entre pessoas importantes, ao mesmo tempo em que recebia uma “educação de elite” e tratamentos especiais em casa (ORTH, 2018[1999]).

Registros e entrevistas chegam a descrever que ao se mudarem para o sinuoso e luxuoso bairro de La Jolla (Bonita/CA), Modesto ordenou que a suíte principal da casa (destinada ao casal) fosse unicamente de Andrew e que os outros três irmãos dormissem em um quarto de solteiro que sobrava na casa. Aos 14 anos de idade, Modesto chega a comprar uma Mercedes nova ao adolescente Andrew (ABC, 2017[1997]; ORTH, 2018[1999]).

Não obstante, a modificação de relações e a construção de vínculos na vida do adolescente se modificaram muitas vezes. Dependente da admiração grandiosa de seu pai, o jovem meio-filipino viveu toda a vida representando seu papel social a partir de uma entrega de atitudes construídas e potencializadas desde o berço familiar de origem, onde não havia bem estabelecido uma boa relação sequer com seus irmãos (ABC, 2017[1997]; ORTH, 2018[1999]).

Para além dessas relações familiares, à medida em que Andrew ficava mais velho, suas experiências afetivas também se modificavam. Desde o ensino médio, era um amante de festas e frequentava ambientes cujo custo ia além de sua condição financeira, mas isso nunca foi um problema para o jovem (FBI, 1997; ORTH, 2018[1999]).

Munido não apenas de sua boa aparência, de sua comunicação e persuasão, Andrew detinha ainda mais influência ao sair com homens ricos mais velhos. Seu novo status o garantia uma vida ainda mais confortável que aquela que tinha com sua família, possibilitando que ele ostentasse relógios e roupas caras, restaurantes e festas de prestígio, além de se exibir para os amigos verdadeiramente milionários, os quais tinha verdadeiro amor e repulsa ao mesmo tempo – um ressentimento que carregou durante toda a vida (ORTH, 2018[1999]). Mas tudo isso começa a mudar drasticamente.

Ainda em 1986, o FBI toma conhecimento de ações ilegais traficadas por Modesto Cunanan, pai de Andrew, como corretor de ações, investindo a aposentadoria de idosos para o mercado financeiro e desviando os valores para a sua conta pessoal, além de pequenos delitos relacionados a tráfico de influência e falsidade ideológica. Quando Modesto percebe a movimentação do FBI ainda na empresa em que trabalhava, o pai de Andrew saca todo o dinheiro que a família havia guardado em conta, recolhe poucas roupas e foge de volta às Filipinas, deixando Andrew, MaryAnn e seus outros três filhos sem dinheiro, endividados e com a casa no bairro de La Jolla hipotecada (FBI, 1997; ORTH, 2018[1999]).

O sonho americano de Andrew começa a desmoronar e sua vida despenca das altas expectativas sobre o seu pai. Modesto era a figura típica de pai-herói para Andrew – sobretudo por ser aquele quem sempre investiu exageradamente na personalidade e nos vários talentos do

filho. Desamparado, sem dinheiro e com sua mãe emocionalmente instável, os rumos da vida de Andrew começam a tomar caminhos trágicos (ORTH, 2018[1999]).

Bancado por homens ricos, Andrew viajou o mundo. Nos diversos cartões-postais de Andrew para David Madson, um ex-namorado o qual Andrew dizia ser o amor de sua vida, o jovem Drew (como assinava os cartões) se apresentava como merecedor de tudo o que ganhava e da boa vida que levava. Chegou a escrever em um dos cartões que conseguiria sua tão sonhada Mercedes SL600 (paga por um dos homens que ele acompanhava) e que era “merecedor em ganhá-la ainda que ninguém pensasse o mesmo” (FBI, 1997, part I, fl. 123, tradução do autor).

Estranhamente, em 29 de abril de 1997, o corpo do ex-fuzileiro naval, Jeff Trail, é descoberto sem vida enrolado em um tapete na sala do apartamento do jovem arquiteto David Madson. Andrew conheceu David em um dos seus clubes favoritos em San Diego. Não se imaginava que apenas poucas semanas após encontrarem o corpo de Jeff Trail (posteriormente descoberto como um amigo em comum entre David e Andrew) o corpo de David também seria encontrado já sem vida, alvejado nas costas e no rosto em um lago próximo a uma cidade do condado de Chicago (Minnesota) (FBI, 1997).

Passados alguns dias, em 05 de maio de 1997, o corpo de um magnata da construção civil, Lee Miglin, é encontrado na garagem de sua casa em Chicago (Illinois). Miglin foi brutalmente assassinado com múltiplas pancadas no rosto, além de seu corpo ter sido encontrado sem roupa e coberto por fitas adesivas. Junto da cena, havia revistas pornográficas deixadas e uma tesoura de jardinagem usada no crime. Apenas alguns dias depois, na Pensilvânia, Filadélfia, o corpo de William Reese (Bill, como era conhecido) é encontrado sem vida no porão de sua casa após levar um tiro na cabeça (FBI, 1997).

A abordagem em cada um dos crimes e as cenas deixadas pelo misterioso “*serial killer*” acabou fazendo com que os departamentos de polícia junto ao FBI começassem uma ampla investigação que possibilitasse encontrar conexões entre as cenas do crime, buscando prever quais seriam os próximos passos do criminoso. Andrew Cunanan era o suspeito número um de todos os assassinatos, especialmente pelos “rastros” nada discretos que deixava nas cenas do crime. Com exceção de Bill Reese (assassinato com intenção de roubo), entrevistas e registros de depoimentos mostram que Andrew mantinha conexões próximas com todas as vítimas brutalmente assassinadas (FBI, 1997; ORTH, 2018[1999]).

Desde o início das mortes, Andrew parecia entusiasmado a deixar sinais claros de sua “passagem mortífera”. Não se importava com rastros nem com possíveis pistas que indicassem o seu paradeiro, como quem quisesse ser visto ou encontrado. Havia sinais específicos e comportamentos que idealizavam uma espécie de mensagem subliminar, algo que necessitaria

vasculhar sua íntima vida nos clubes gays de Chicago, Miami, e San Diego e revisitar sua criação no luxuoso bairro de La Jolla para entender suas intenções e motivações (ORTH, 2018[1999]).

Ao contrário de um tradicional “*serial killer*”, Andrew não matou em seu território conhecido, pelo contrário. No total, mais de cinco estados foram envolvidos diretamente na investigação, subestimando até mesmo a capacidade de investigação do FBI, haja vista que Andrew, na verdade, nunca foi capturado operacionalmente. Até agosto de 1997, quando cometeu suicídio em uma casa suspensa, o FBI havia reunido uma série de informações e perfilamento de Andrew, mas nenhuma tentativa de captura caminhou com êxito (ORTH, 2018[1999]).

A formação social da mente para Vygotsky

Cada sujeito é um sintetizador de relações sociais. Dessa forma, sua constituição social depende da incorporação, em sua própria subjetividade, de ideias criadas por gerações e experiências anteriores as dele e/ou de seu próprio meio social (SAVIANI, 2015). Dessa forma, o processo de desenvolvimento humano se configura a partir de dois princípios fundamentais: o desenvolvimento biológico, partindo da compreensão da evolução das espécies até chegar ao *Homo Sapiens*. Em outro plano, o sujeito parte do desenvolvimento histórico da humanidade, do qual o homem primitivo se desenvolveu para um homem da civilização (VYGOTSKY; LURIA, 1996).

Para Vygotsky (1988) toda função psicológica é, primeiro, uma função intersíquica (coletiva, social, cultural) e só depois torna-se intrapsíquica (interna, pessoal, subjetiva). A formação psicológica, portanto, se constrói sempre a partir da própria gênese social: o indivíduo se constitui, inicialmente, a partir de um contexto externo (e externo para o autor sempre se refere à esfera social de relacionamento).

É estranho à criança, por exemplo, ainda no processo de seu desenvolvimento inicial, a utilização de todos os signos que permeiam sua vida. É com o intermédio de adultos (especialmente os pais) que essa possibilidade de significação se expande, permitindo que a criança passe a utilizar esses signos em determinadas tarefas para representar sua intenção (AITA; FACCI, 2011).

Aquilo que se postulam as teorias inatistas ou biológicas (se nasce de determinada ou de outra forma) acabam por subestimar a capacidade dos sujeitos em relação à apropriação e expropriação de experiências ou de exemplos de vida à medida que internalizam a censura ao

fazer com que o indivíduo pense que sucesso e fracasso dependem exclusivamente de seu talento, aptidão, dom ou maturidade e que nasceram para isso (NEVES; DAMIANI, 2006).

O sujeito e a formação psicológica não se dão na individualidade nem na independência, mas no processo de apropriação dos conhecimentos adquiridos historicamente, o que influencia no desenvolvimento de funções psicológicas, como lógica, pensamento abstrato, capacidade de planejamento, e, outro aspecto fundamental para esse desenvolvimento: a relação com outros homens e sua forma de enxergá-las (AITA; FACCI, 2011).

Então, ainda que a subjetividade traga reflexões sobre o que de único e pessoal temos em determinado sujeito, não há relação de que é nesse mesmo sujeito que a subjetividade tem origem. Pelo contrário, é apenas a partir das relações externas que essa subjetividade será possível: partindo de influências e confluências entre relações pessoais e apropriação de experiências (SILVA, 2009).

No extrato da cientificidade, o desenvolvimento tem sido operado pela psicologia tradicional de forma incompleta. Ao imaginarmos o sujeito e suas suposições na vida social, acaba-se por identificar sempre uma compreensão de que toda experiência deva participar de uma redução de fatores em que passamos do mais complexo ao menos complexo. No entanto, essa operação não funciona a contento já que reduz a matriz das experiências aos traços de padronização por competência (SAVIANI, 2015).

Na Classificação Internacional de Doenças da 11^a edição (CID-11) e no Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5^a Edição (DSM-5), por exemplo, as características e critérios diagnósticos para os transtornos da personalidade, bem como seus especificadores, são bem claros e padronizados. Na maioria dos casos, essa classe de transtornos está relacionada a um desvio acentuado de comportamento em relação à cultura e hábitos psicossociais “incomuns”. O próprio DSM-5 estabelece a necessidade da “tentativa” de combinar a grande quantidade de esforços e perspectivas sobre os transtornos da personalidade – o que denota uma complexidade diagnóstica relatada no próprio manual taxonômico (APA, 2014).

A partir desses delineamentos partindo da taxonomia, no estudo das ciências comportamentais, em particular, o interesse pela investigação do constructo da personalidade tem ganhado ênfase nas últimas décadas, especialmente pelo desenvolvimento sistemático de pesquisas que possibilitem mensurar, a partir de estudos científicos rigorosos, as principais características da personalidade e suas formas de comportamento (SAVIANI, 2015).

No entanto, no próprio desenvolvimento científico da personalidade como constructo há a necessidade de consideração do ambiente das relações para que seja possível se

consolidar um sujeito em relação – antes mesmo de sua “psicopatologia”. Deve-se, então, buscar interpretações próximas ou mais singulares daquelas da psicopatologia clássica, em relação aos transtornos da personalidade. Se buscarmos através da Psicologia Cognitiva, por exemplo, especificamente, a Cognitiva Comportamental de Aaron Beck (1921-2021), partimos da compreensão que a resposta comportamental, emocional ou psicofisiológica de qualquer ser humano se inicia a partir de um evento ativador (interno ou externo) seguido de crenças (como o indivíduo processa determinado evento ou informação) (BECK; DAVIS; FREEMAN, 2005).

A Teoria Cognitiva Comportamental (TCC) de Beck demonstra, também, a necessidade de considerar os fatores etiopatogenéticos presentes no constructo da personalidade para que se garanta, sobretudo, uma visão geral sobre predisposições genéticas, experiências fundamentais durante o desenvolvimento humano e as crenças centrais de cada indivíduo em relação ao seu comportamento (BECK; DAVIS; FREEMAN, 2005).

De maneira geral, grande parte da literatura hodierna consolida uma visão pragmática acerca dos desvios de conduta e da personalidade. Acabam por defini-los, muitas vezes, como incapazes de se ater à empatia e de uma afirmação categórica de entendimento de que o desviado da conduta entende bem os fatos aos quais está inserido, mas simplesmente não se importam, figurando as relações interpessoais como um segundo idioma ainda não compreendido (SAVIANI, 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso Andrew Cunanan é referenciado em toda a bibliografia como um desvio de conduta generalizado que caminhou para o assassinato de cinco pessoas em 1997. A investigação policial não conseguiu sanar dúvidas incisivas e acabou por considerar Andrew mais um “psicopata” nato e um assassino em série extremamente inteligente e amigável.

Nota-se que a instabilidade na relação de Andrew entre/com os seus pais, a expectativa de grandiosidade paterna em relação ao seu futuro, o convívio com grupos majoritariamente de classe média alta, a falta de limites pedagógicos na infância foram influenciadores de considerável importância para a manifestação da instabilidade psicológica apresentada pelo jovem até os últimos momentos de sua vida.

Essa influência se torna uma espécie de espelho em que a representação social se desenvolve como produto evidenciado pelo comportamento cuja conduta sempre foi vigiada pelos pais e reforçada por amigos. Essa estrutura de repetição se consolidou através dos

estímulos sociais que guiaram a vida de Cunanan e formaram sua estrutura psíquica a partir de uma visão distorcida de merecimento, pode, conquista e grandiosidade.

Não há parâmetros inatos para tal comportamento, mas há contextos e influências sociais que competem para tal, especialmente quando falamos sobre o sujeito e suas relações.

REFERÊNCIAS

ABC (News). Following the serial killer who murdered Versace. In: ABC News [Internet], 2017 [1997]. Disponível em: <https://abcnews.go.com/Nightline/video/serial-killer-murdered-versace-48517351>. Acesso em: 4 de abril de 2022.

ABRIC, J-C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: Presses Universitaires de France, 1994a.

AITA, E. B.; FACCI, M. G. D. **Subjetividade**: uma análise pautada na Psicologia histórico-cultural. *Psicologia em Revista*, v. 17, n. 1, p. 32-47, 2011.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, V. M. (Org). **Linguagem**: espaços e tempo no ensinar e aprender. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE), Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

CRUSOÉ, N. M. C. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **Aprender-Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação**, n. 2, 2004.

DE OLIVEIRA, M. S. B. S. **Representações sociais e sociedades**: a contribuição de Serge Moscovici. 2004.

FBI (Federal Bureau of Investigation). FBI Records: Andrew Cunanan. In: The Vault Records. Estados Unidos. Governo dos Estados Unidos - Departamento de Justiça, 1997. Disponível em: <https://vault.fbi.gov/andrew-phillip-cunanan/andrew-phillip-cunanan-part-01-of-01/view>. Acesso em: 4 de abril de 2022.

FERNANDES, V. A.; CENCI, C. M. B.; GASPODINI, I. B. Intervenções em Psicodrama: uma revisão sistemática. **Revista Brasileira de Psicodrama**, v. 29, n. 1, p. 4-15, 2021.

MANSON, J. H. Is Narcissism a Slow Life History Strategy Indicator?: The Answer Depends on the LHS Instrument. **Evolutionary Psychology**, v. 18, n. 3, p. 1474704920946236, 2020.

NEVES, R. A.; DAMIANI, M. F. **Vygotsky e as teorias da aprendizagem**. 2006.

ORTH, M. **Favores vulgares**: a história real do homem que matou Gianni Versace. 1 ed. São Paulo: Vestígio, 2018[1997].

PULLMAN, L. E. et al. Is Psychopathy a Mental Disorder or an Adaptation? Evidence From a Meta-Analysis of the Association Between Psychopathy and Handedness. **Evolutionary Psychology**, v. 19, n. 4, p. 14747049211040447, 2021.

SÊGA, R. A. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. **Anos 90**, v. 8, n. 13, p. 128-133, 2000.

SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. **Germinal: marxismo e educação em debate**, v. 7, n. 1, p. 26-43, 2015.

VYGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem, v. 10, p. 103-117, 1988.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: o macaco, o primitivo e a criança. Artes Médicas, 1996.